

UM DIÁLOGO SOBRE A FORMAÇÃO DE EDUCADORES, NA ERA PÓS-MODERNA E A INFLUÊNCIA DAS TECNOLOGIAS

Deloíze Lorenzet¹

Gláucia Santin Strapasson²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo refletir sobre o processo de construção da Formação Docente, responsável pela mediação do processo educativo, neste cenário pós-moderno, fortemente influenciado pelas mídias digitais. Para compreender melhor a articulação deste artigo, ressaltamos que ele inicia-se esclarecendo em linhas gerais a nova identidade que está sendo configurada que vem sendo denominada como sociedade complexa, ou identificada como pós-modernidade. Dando continuidade no seu segundo capítulo discutimos o panorama de construção do processo de ensino e aprendizagem, por meio da abordagem sobre a formação da docência. Em sequência, no terceiro capítulo focaremos a educação atual, na qual nos deparamos com o descortinar das tecnologias de informação e comunicação como recursos com grande potencial de mudança para o contexto educacional. Tal reconhecimento é pautado pela enorme quantidade de informações produzidas e disponibilizadas e pela infinidade de espaços de comunicação e interação existentes na rede mundial de computadores, elementos fundamentais ao processo de aprendizagem, permitindo a ampliação do acesso e da flexibilidade. Dessa forma, neste trabalho vamos tentando caracterizar a configuração deste novo espaço em que ocorre a educação, dialogando sobre os processos educativos, a tecnologia e a pós-modernidade.

Palavras-chave: Profissionalização. Gestão Educacional Mercantil. Processos Educativos.

Abstract: The present article has for objective to contemplate on the process of construction of the Educational Formation, responsible for the mediation of the educational process, in this post-modern scenery, strongly influenced by the cyber digital. The better understanding of the articulation of this article, we moderated that the process begins explaining in general lines the new identity that is being configured named as complex society, or identified as powder-modernity. In the second chapter, we discussed the panorama of construction of the teaching process and learning, through the approach about the formation of the teaching. In the third chapter we will focus this current education, in which we came across the technologies of information and communication as resources with great change potential for the education context which is ruled by a lot of available information and the infinity of communication spaces in the world net of computers, fundamental elements to the learning process, allowing the enlargement of the access and of the flexibility. In that

¹ Pedagoga – Aluna do Mestrado em Educação da Universidade de Passo Fundo (UPF).

² Pedagoga – Aluna do Mestrado em Educação da Universidade de Passo Fundo (UPF).

way, in this work we try to characterize the configuration of this new space in the education, dialoguing about the educational processes, the technology and the powder-modernity.

Word-key: Professionalization. Mercantile Education Administration. Educational Processes.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS:

Este trabalho foi produzido para o II Simpósio Internacional Diálogos na Contemporaneidade, organizado pelo Centro Universitário UNIVATES. Sua finalidade é discutir conceitos e racionalidades que permeiam a educação na contemporaneidade, assim, foi elaborado este artigo, pautando sobre o tema Tecnologias, Educação e Pós-Modernidade.

Buscou-se articular algumas constatações desta sociedade complexa, pós-moderna, refletindo sobre a demasiada aceleração de mudanças, com uma redefinição de tempo e espaço como sua caracterização neo liberal e sequentemente aborda a constituição da docência em voga neste período de constantes inovações e acelerada produção de saberes, envolvendo um novo panorama como a sociedade de conhecimentos, onde há a inserção da diversidade étnica, racial, o multiculturalismo, a saliência do ciberespaço e da tecnologia, na produção da alteridade e de subjetividades que envolvem a formação de educadores.

A SOCIEDADE COMPLEXA PÓS-MODERNA

Início este trabalho tentando caracterizar em linhas gerais a nova identidade que está sendo configurada e que vem sendo denominada como sociedade complexa. As características principais deste novo paradigma contextual são as constantes mudanças, por isso também identificada pelos tempos líquidos e espaços fluidos, devido à agilidade com que são produzidas informações, as inovações tecnológicas como ferramentas auxiliares que vem reduzindo os limites de tempo e espaço local e global.

No entanto, em contraste com avanços tão pontuais como os tecnológicos nos deparamos com seres humanos em crise, vivendo em competição para serem destaque por seu nível cultural, econômico, demonstrando o individualismo, em detrimento das questões coletivas. Evidencia-se, assim, a construção de novas subjetividades, a supremacia do termo mercado, sobre o termo sociedade, em decorrência da época pós-moderna, neoliberal, ancorada no modelo capitalista, focado no lucro e um dos problemas salientes e que revela crescimento é o da desigualdade social. Com esta encontramos o distanciamento entre a elite e a classe popular, uns poucos de camada abastada, vivendo em extraordinário conforto, com acesso às melhores inovações midiáticas, às mais qualificadas instituições de ensino, ao melhor atendimento da saúde, esbanjando alimentos, desfilando em carros luxuosos, habitando mansões exorbitantes, enquanto a outra imensa maioria sobrevive minguando à exclusão social daquilo que seria tido como direito básico.

Nesta direção, reporto o entendimento de Goergen, para o qual:

O pós-modernismo anda de mãos dadas com o neoliberalismo, afirmando que nada deve se opor ao exercício da responsabilidade individual cujo ambiente natural de desenvolvimento é o mercado. A dinâmica do mercado deve substituir o desenho político, razão pela qual as propostas neoliberais giram sempre em torno da recondução de um sistema que devolva aos pais-clientes o poder de decisão sobre o que seus filhos devem aprender de preferência num sistema livre da condição de clientela cativa da burocracia educacional-estatal. [...] Com isso, a ideia de sociedade está sendo progressivamente substituída pela de mercado. Elimina-se a organização branda, flexível e complexa, adaptada eficazmente às exigências do mercado. [...] A escola torna-se uma instituição e a educação um produto de mercado. Enfim, educação torna-se mercadoria e, como tal, sujeita a todas as leis do mercado (GOERGEN, 2001, p. 75).

Dessa maneira, mediante uma realidade marcada pela “dinâmica do mercado”, por conflitos, crises, considero necessário a mobilização do maior número de pessoas possíveis no engajamento das questões sociais como a educação embasada em qualidade e não como produto mercantil, mercadoria cultural.

Nesse sentido, justifico o título deste artigo com a denominação *Diálogo*, por estar aberto ao debate, podendo ser revisitado, reformulado, readequado, conforme o tempo, o espaço, as experiências que vão ocorrendo no sentido de melhor compreender a formação docente por qualquer cidadão que deseje colaborar neste intuito da transformação social. Como também, para abrir a possibilidade de ouvir contra-argumentações que venham a ancorar uma revisão e o crescimento com uma melhor compreensão sobre a temática.

Parto agora para a segunda parte deste artigo falando sobre a formação docente, como deveria ser esta constituição? As questões que envolvem esta abordagem são: Quais os saberes necessários para tornar-se docente? Qual a postura, características fundamentais que devem permear a função docente?

A FORMAÇÃO DA PROFESSORALIDADE

Abordaremos neste sub item a aprendizagem do “ser professor”, a formação da docência, a construção da professoralidade. Assim, o educador tem seu lócus de trabalho no ambiente escolar, ou seja, se o ambiente é uma construção específica, podemos pressupor que a função também será especial, pois, ao trabalhar com a formação de outros sujeitos, buscando a construção de sua formação, deverá ter o intuito de colaborar com a aquisição de conhecimentos específicos, mas como também, na elaboração de posturas éticas que posteriormente serão expostas em nossa sociedade.

Conforme identificamos, o foco de trabalho escolar é a educação. Assim, para dialogarmos sobre a constituição da docência, do tornar-se, vir-a-ser educador, devemos estar cientes da amplitude e profundidade que tratamos, pois, num

sentido global é constituir seres humanos, em suas potencialidades, dignidade, e humanidade. Assim, o docente precisa estar consciente de quais as concepções de ser humano, de aprendizagem, e de sociedade que o amparam. Como nos indicam Bussmann e Abbud:

É inquestionável que ensinar/aprender está na base do trabalho docente. No entanto, o ensinar e o aprender e o ensinar-aprender apresentam múltiplos significados conforme as concepções de educação, de homem e de sociedade que orientam a prática do professor nos diferentes momentos históricos. Assim, o ensinar e o aprender, antes generalizados nas práticas sociais amplas, com o surgimento da educação escolar, adquirem contornos e conteúdos próprios que passam a caracterizar uma especificidade do trabalho do professor: ensinar/aprender (BUSSMANN; ABBUD, 2002, p. 134).

Nesse sentido, entendemos a grande responsabilidade que está incutida na função docente. Este profissional será determinante para a construção formativa de outros sujeitos. As finalidades por ele compreendidas como adequadas serão consideradas e seu trabalho focará alcançá-las. Aos docentes está a autonomia de decidirem sobre quais os significados que incutirão e qual o modelo de cidadãos que desejam projetar.

Dando procedência, considero essencial para a docência, reconhecer as três funções fundamentais que devem ocorrer no processo de construção de ensino e aprendizagem, sendo elas, primeiramente, o conhecimento teórico dos conteúdos que irá nortear as aprendizagens do educando, em segundo lugar, o domínio didático, experiências pedagógicas, articuladas epistemologicamente com boas propostas de aprendizagem, desafiando, envolvendo o educando para que seja agente do processo, a empiria, e em terceiro lugar, o comprometimento com o desejo de formar cidadãos éticos e responsáveis.

Observo assim, que ao atuar na docência não pode haver neutralidade, mas uma postura política, crítica, bem concebida, sobre os ideais que serão defendidos. Caso não haja essa conscientização, será mais um profissional colaborando com a engrenagem de reprodução e manutenção da realidade problemática constituída. Deste modo, é imprescindível que para assumir a docência o profissional deve ser bem preparado, com formação específica de sua área de atuação, mas profundamente conhecedor da temática educação.

É importante também, ser um educador reflexivo sobre suas práticas, comprometido com o intuito de ser um colaborador no processo de construção e formação de seres humanos, que não podem ser neutros, omissos, ausentes, facilmente manipulados e dominados, porém cabe ao docente, inseri-los, criticamente na sociedade, tornando-os responsáveis por suas ações, participantes nas realizações sociais, bons cidadãos, atuantes nas suas obrigações e deveres, como também, exigentes na forma de solicitar o cumprimento de seus direitos. Ser docente implica em uma “atividade crítica e política, e do professor como um profissional reflexivo está vinculada a uma nova concepção de ensino e de professor e fortalece

a possibilidade de melhor conhecimento e intervenção na realidade educativa e social” (GRILLO, 2006, p.64).

Desse modo, é preciso partir da realidade da sociedade na qual a instituição de ensino está inserida, e esta, deverá ser a fonte inspiradora dos processos educativos, analisando suas dificuldades, como também por meio da cultura acumulada investigar suas concepções para que, posteriormente, o ensino propicie a amenização ou solução de seus desafios.

Outra característica da docência também foi enfatizada pelo educador Paulo Freire que defendia que o professor não é somente quem ensina, mas quem aprende, tornando o ensino integrado com a aprendizagem. Assim, Paulo Freire estabelecia paralelos entre as diferentes concepções de educação, como a Bancária – com o processo centrado no ensino, no professor, numa relação vertical, onde o aluno é passivo, memorizador dos saberes em busca da reprodução social. Enquanto que na Concepção Emancipatória - o processo é centrado na aprendizagem, na figura do educando como sujeito, numa relação horizontal, num processo ativo de construção de conhecimentos, na perspectiva da transformação, da luta, engajamento e comprometimento em busca da superação dos contrastes sociais, econômicos, culturais.

Considero importante ao docente a postura reflexiva, sem poder incorporar posturas cristalizadas de autoritarismo, sem engessar o comportamento de dono da razão, mas devendo ser aberto ao diálogo, num caráter de humildade, reconhecer a sua incompletude, reconhecer que necessita de formação continuada, pois não é o dono da verdade e nem um deus inabalável que jamais comete erros.

Assim, cabe ao docente a postura de aprendiz, na formação continuada, no movimento contínuo de formar-se, lendo, pesquisando, estudando e podemos ver surgir o descortinar da constituição de sua docência, que não ocorre distante da práxis, mas concomitante com ela, na relação com educandos, não na superioridade, sobre um pedestal, nem na inferioridade, mas na igualdade, no confronto de concepções, na ação conjunta sobre os conhecimentos, diálogo, no encontro, na relação dialética em sala de aula.

Na abertura do Livro de Benincá e Caimi, já é esclarecido o seguinte:

Toda e qualquer idéia sobre ensino, educação formal e vida nas escolas implica, necessariamente, um pensar sobre a formação dos profissionais que atuam neste universo: os professores. E toda e qualquer reflexão sobre a formação de professores implica, ao nosso ver, estendê-la a um tempo e a um espaço que extrapolam o tempo da graduação e o espaço da universidade; entendê-la como processo coletivo assumindo pelos próprios professores, na interação com os outros sujeitos do ato pedagógico, e aceitá-la como um desafio de superação e crescimento constantes, a despeito das dificuldades que possam advir dessa opção (BENINCÁ & CAIMI, 2004, p. 7).

Com essa compreensão podemos entender que a titulação, o ato de formatura não encerra-se em si mesmo, pois a constituição docente será constante, acontecerá

no confronto diário da interação escolar com alunos, conhecimentos, metodologias, cumprimento de avaliações, transposição didática e realizações burocráticas de seu ofício. Continuamente é exigido ao docente a aprendizagem e a busca incessante pelo aprimoramento e pela profissionalização. Por isso, é essencial obter uma formação de qualidade, para posteriormente, vincular novas reflexões, repensando a construção incansável de sua identidade profissional.

3. A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA DIGITAL NOS PROCESSOS EDUCACIONAIS DA ATUAL CONFIGURAÇÃO ESCOLAR

Em relação com todas essas mudanças que vem ocorrendo nas últimas décadas, com avanços e desajustes, sabemos que os processos educativos estão trilhando caminhos diferentes. Independente de nossa avaliação, julgando este novo contexto como melhor ou pior, precisamos analisar, conhecer e refletir para entender suas diferenças e melhor atuar nele.

Em primeiro lugar, o contexto escolar é diferente, porque até bem pouco tempo atrás, o acesso ao Ensino Fundamental não estava universalizado, mas com a LDB ele tornou-se obrigatório e sua fiscalização vem acontecendo para que todos, indistintamente, tenham o acesso e a possibilidade de permanência na escola. Assim, o público-alvo das escolas não é mais tão elitizado como era antigamente. Desse modo, são comemorados os índices de frequência e acesso à escolaridade, apesar de ainda termos índices de qualidade educacional lamentáveis.

Dessa forma, observamos que o contexto social e econômico obteve transformações, como também o espaço escolar está oportunizando o acesso a um percentual da população que possuía este direito, mas que lhe era omitido até então. Nessa perspectiva, verificamos que os sistemas tradicionais, as posturas engessadas, as concepções arcaicas de educação, ensino e aprendizagem não obterão êxito nesta nova configuração.

Entretanto, somente nos damos conta dessa constatação quando conseguimos articular as posturas docentes aos processos educativos. É nessa interação que são evidenciados os problemas de uma formação docente deficitária. Essa formação que pautada na exigência legislativa se dá pela graduação. Verificamos, assim, que se o ensino superior apresenta falhas, estas perpetuam suas consequências nos demais níveis de ensino e recaem nas relações sociais.

Para isso, Becker salienta a necessidade de transformarmos a formação das relações do espaço escolar do ensino superior. O docente precisa estar com uma profissionalização adequada para não ser mais uma vítima desse sistema, sendo um reprodutor de estruturas prolongadamente injustas.

Como vimos, a educação precisa ser transformada não apenas no que concerne às relações de sala de aula – micromundo onde se estruturam as relações pedagógicas por excelência. Precisa ser (re)estruturada, também no que concerne à formação dos professores. Como pode um professor (re) conceber as relações pedagógicas de sala de aula se ele mesmo é vítima de uma

visão precária, empirista, da matéria-prima de seu fazer – o conhecimento. Como ele pode propor e praticar a dialetização das relações entre professor e aluno, entre ensino e aprendizagem, entre saber constituído e saber constituinte, entre estrutura e função, entre ciência e acontecimentos factuais... se ele mesmo é vítima de uma visão de mundo antidialética? Como ele pode conceber o conhecimento como uma construção se sua base epistemológica é anticonstrutivista, anti-interacionista? (BECKER, 2001, p. 65-66).

Neste trecho claramente são expostos alguns conceitos que o docente em sua base epistemológica, na sua constituição, precisa compreender. Primeiramente, no sentido dialético, no diálogo, no movimento crítico entre sua prática e sua reflexão e fundamentação teórica. E, em segundo lugar, entendendo algumas concepções da construção, da gênese, origem do conhecimento, articulando propostas construtivistas (Piaget) e interacionista (Vygotski). Assim, uma boa formação docente levará a uma educação básica de melhor qualidade.

Aproveito para tentar comparar alguns índices. Os mecanismos internacionais exigem a maior qualificação e acesso ao ensino superior, pautados no princípio de que com melhor capital humano será possível aos países subdesenvolvidos elevar sua condição social e passarem a ser países desenvolvidos. Concordo com esta premissa, mas incorporar seu sistema empresarial de ensino com nossas características de ensino precário causará uma ampliação de problemáticas. Assim, questiono: será que as propostas de ensino superior nestes modelos de expansão mercantis são os mais adequados para nações de educação básica com péssima qualidade? Pois, conforme revelaram os indicadores do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), nossa educação pública continua muito mal.

Para compreender melhor, o Ideb³ é um indicador de avaliação da Educação Básica brasileira, organizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), composto por uma avaliação por meio de prova feita pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e com a Provinha Brasil, articulando os índices da aprovação dos alunos nas escolas. Este sistema de avaliação é realizado a cada dois anos e avalia conhecimentos matemáticos e de leitura e interpretação. Tem revelado que nossos indicadores tiveram crescimento, mas continuam péssimos, com uma média nacional abaixo do índice mediano 5, demonstrando que nosso ensino básico tem “nota vermelha” em sua qualidade.

Em 2005, a média geral de nosso país ficou apenas em 3,8 para as séries iniciais. Em 2007, houve uma leve melhora, a média geral brasileira das séries iniciais ficou em 4,2. Em 2009, o resultado cresceu para 4,6 nas séries iniciais da educação

³ Informações reportadas do Portal Educação para Crescer, cujo endereço é <educarparacrescer.abril.com.br/.../notas-ideb-422895.shtml>.

básica, nas séries finais a nota ficou em 4 pontos e já para o Ensino Médio o *ranking* desolador é de 3,6⁴. Demonstrando estar ainda muito abaixo do índice dos países desenvolvidos que segundo o Programa Internacional de Avaliação dos Alunos (Pisa) apresenta a média 6, na mesma escala de 0 a 10. A meta nacional está posta para 2022, ano do bicentenário da independência do Brasil para atingir a média nacional 6, no entanto, em 2022 provavelmente os índices dos países desenvolvidos será ainda maior.

Apesar desses indicadores serem tão baixos, o Ideb expõe ao conhecimento e para a conscientização de toda a população, a real situação degradante que o ensino público está vivendo. Quem sabe estes índices além de espantar ou revoltar a população, mobilizem o engajamento coletivo para pressionar maiores investimentos na educação, sensibilizando, inclusive, nossas lideranças para que de fato exerçam seu papel e fortaleçam as questões públicas educacionais, assegurando maior igualdade e menos problemas sociais.

Dessa maneira, nos questionamos em como adquirir qualidade mantendo a oferta na educação? Como poderemos ampliar estes indicadores se a própria avaliação das instituições do ensino superior está embasada na fragilidade? De que forma melhoraremos os processos educativos, se não estivermos conscientes de que essa mudança deve passar pela profissionalização adequada dos docentes?

Assim, ao ingressar no sistema de ensino podemos dizer que os educandos são incluídos em propostas de aprendizagem dos mais diversos conhecimentos. Por meio das mais diversas linguagens: musical, artística, corporal, digital, afetiva, ética, estética, entre outras, tentando construir em sua formação as mais diversas atitudes, competências e habilidades. Enfim, permitindo o acesso ao saber, à socialização, à construção de sua formação, da mais elementar até a mais científica.

De modo geral, acreditamos que as tecnologias em rede têm facilitado o acesso ao ensino, influenciando determinadamente na construção ao conhecimento acumulado, como também têm possibilitado a criação de novos saberes, ampliando o acervo e viabilizando a autoria de produções. Pois, pesquisas que levavam muito tempo para serem realizadas e altos custos na aquisição de materiais impressos hoje são facilitados pelo livre acesso midiático. Essa é uma das conquistas da inclusão digital.

Dessa maneira, é fundamental entender o que significa um ciberespaço. Reporto aqui a explicação de Santaella:

Cada vez mais crescentemente processos de comunicação são criados e distribuídos de forma digital legível no computador. [...] Seu funcionamento depende não apenas do papel capital desempenhado pela informática e pelos computadores, mas da comunicação que se institui entre eles por meio da

⁴ Dados reportadas do Portal do Ministério da Educação e Cultura (MEC), de acordo com o endereço: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15633:indices-revelam-melhora-da-qualidade-em-todas-as-etapas-do-ensino-em-2009&catid=211&Itemid=86.

conexão em rede. [...] Na Internet, a palavra “rede” deve ser entendida em uma acepção muito especial, pois ela não se constrói segundo princípios hierárquicos, mas como se uma grande teia na forma do globo envolvesse a terra inteira, sem bordas nem centros (SANTAELLA, 2004, p.38).

Pela reflexão acima, percebemos que há um crescimento incontestável na produção de mídias digitais, colocadas em conexão. Essa nova realidade que se descortina permite uma interação global. A rede congrega diferentes individualidades, diferentes culturas, diferentes concepções. Precisamos, mediante esta constatação, analisar: toda a população tem acesso ao direito igualitário e condições à inclusão digital? Como o termo já expressa, temos a perspectiva de que parte da população é excluída desse acervo, desse recurso que potencializa a aprendizagem e o desenvolvimento.

Consideramos imprescindível compreender que o ensino a distância só foi possível pela criação das redes digitais, no entanto, seres humanos é que são responsáveis pelo seu uso adequado ou limitado. Nesse sentido, há uma distorção sobre a escolha do modelo educacional, sendo que a sociedade necessita de melhor qualidade, enquanto que para os empreendedores culturais o interesse é que seu negócio seja mais lucrativo.

É necessário ter clareza que a educação a distância, facilitada pelo ensino virtual, do mesmo modo que o ensino presencial precisam ter boas propostas educativas, porque antes de tudo é um modo diferenciado, mas de fazer educação. O fundamental é nas mais distintas modalidades possuir concepções de educação reflexivas, críticas, assumidas em prol do social, em vez do capital, comprometidas com a profissionalização de sujeitos em vez de visarem a saldos econômicos ascendentes.

Os autores Bertolin e Mühl, assim compreendem:

As alterações econômicas e sociais ocorridas nas duas últimas décadas provocaram profundas mudanças no ensino universitário. No início deste novo século, questões fundamentais como o acesso à informação e ao conhecimento, respeito às diferenças culturais e a preservação de uma postura ética colocam-se como desafios para a educação. Este novo cenário estabelece novas formas de pensar as organizações, inclusive a educação superior e a universidade, que devem preparar-se para os desafios do atual ambiente socioeconômico, que muda rapidamente, com um mercado de educação superior altamente competitivo, uma população de estudantes que já não têm as características homogêneas do passado, as demandas por educação continuada e para a formação de um profissional preparado para um novo contexto de trabalho e emprego (BERTOLIN E MÜHL, 2006, p. 174-175).

De acordo com esta abordagem, podemos compreender que essas transformações no ensino superior foram permeadas por mudanças contextuais. É louvável que haja maiores condições de acesso à informação e ao conhecimento, no entanto, é preciso pensar as questões educacionais como articuladoras de propostas que minimizem as desigualdades sociais, ofertando propostas tanto no ensino

público ou privado, no ensino presencial ou a distância, no ensino das instituições ou das universidades com qualidade.

Assim, em relação à questão da profissionalização docente, por estarmos vivenciando modelos mercantilistas, necessitamos nos preocupar com critérios como o comprometimento, a ética, o social, acima dos caracteres do mercado. É essencial compreender as novas questões e facetas que o cenário está articulando, buscando qualidade para conquistar uma formação mais adequada e a consciência de não podermos nos ancorar em princípios de estagnação e comodismo, mas estarmos pautados na formação contínua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Retomando este texto, reportamos que para tornar-se docente é necessário a autonomia dos modelos ideológicos impostos, precisando ter uma postura ética, com o engajamento, o comprometimento de atuar em benefício da população. Assim, o educador precisa envolver-se em ideais de transformação social, buscar promover a humanização e emancipação, contrariando o movimento voraz das desigualdades e exclusões.

O educador envolvido, ativo, deve trabalhar na perspectiva de diminuir as diferenças, levando à população o cumprimento de seus direitos e melhores condições de vida. Ele não poderá ser mais um servo do sistema, auxiliando na acomodação e reprodução das condições vigentes, porém deverá ser um líder mobilizador, crítico, que lute para a metamorfose dos conflitos sociais.

Ser docente exige grande envolvimento profissional, mas educar é encaminhar para a emancipação, para a humanização, ter o poder da docência é ser capaz de criar estratégias para melhorar as condições de vida humana. Sobretudo, abrindo a possibilidade da escola ser um espaço de aproximação entre os sujeitos e as inovações hodiernas.

Além de possuir esta perspectiva mais utópica, o docente precisa atuar com seriedade no processo de ensino e aprendizagem em que está inserido, sendo responsável, exigente, conhecedor dos interesses, desejos, significados e da formação almejada por seus educandos, focando esses saberes na elaboração de seus planejamentos, assumindo o compromisso de ser o adulto na relação pedagógica e nesta relação de *ir-e-vir*, neste movimento paralelo de troca, gerir o processo de construção do saber.

Para tanto, cabe ao docente usufruir da preciosa ferramenta digital que possui disponível com equipamentos de tecnologia e comunicação, inserindo sons, imagens, qualidade e maior saber, pela mediação de conhecimentos reportando saberes e sabores ao seu espaço pedagógico. Identificando que a democratização social inicia-se pela construção cultural e educativa que poderá ser facilitada pela inclusão digital.

Encerrando esta reflexão, trago as brilhantes palavras de Ubiratan D'Ambrosio, contidas em Serbino, para acalentar nossas esperanças, fortalecendo nossa tarefa pedagógica.

Ninguém poderá ser um bom professor sem dedicação, sem preocupação com o próximo, sem amor num assunto amplo. O professor passa aquilo que ninguém pode tirar de alguém, que é conhecimento. Conhecimento só pode ser passado adiante por meio de uma doação.(...) O professor não é um sol que ilumina tudo. Sobre muitas coisas ele sabe bem menos que seus alunos. Amor é não querer brilhar sozinho. É importante abrir espaço para que o conhecimento do aluno se manifeste. Como uma vez disse Guimarães Rosa, 'Mestre é aquele que às vezes pára para ouvir'. E daí a importância de conhecer o aluno. Claro que educação é um ato político. Se algum professor julga que sua ação é politicamente neutra, não entendeu nada de sua profissão e o melhor é mudar logo. Tudo o que fazemos, nosso comportamento, nossas opiniões e atitudes, são registrados e gravados pelos alunos e entrarão naquele caldeirão que fará sopa da sua consciência. Maior ou menor tempero político é nossa responsabilidade. A responsabilidade maior do professor, que vai além da sua disciplina específica, é formar o cidadão (D'AMBROSIO, 1998, p. 241).

REFERÊNCIAS

ABBUD, Maria Luiza Macedo. & BUSSMANN, Antônia Carvalho . Trabalho docente. In: BRZENSKI, Iria. (Org.). **Profissão professor: identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano Editora, 2002. (p. 133-144)

BECKER, Fernando. **Educação e Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

BENINCÁ, Elli. & CAIMI, Flavia Eloisa. (Org.). **Formação de Professores: diálogo entre a teoria e a prática**. – 2. ed. – Passo Fundo: UPF, 2004.

BERTOLIN, Julio César Godoy. & MÜHL, Laide Cristina. Indicadores de qualidade e avaliação de cursos em EAD: alguns aspectos relevantes. In: TEIXEIRA, Adriano Canabarro e BRANDÃO, Edemilson Jorge Ramos. (orgs.) **Tecendo caminhos em informática na educação**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006. (p.174-189).

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, ética e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

GRILLO, Marlene Corroero. Percursos na Constituição da Docência. In: ENRICONE, Délcia. (Org.). **A Docência na Educação Superior: sete olhares**. Porto Alegre: Evangraf, 2006. (p.59-72).

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Tempo de Escola e Tempo de Sociedade. IN: SERBINO, Raquel Volpato. (Org). **Formação de professores**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.